

do you love me? I
malha de alumínio, veludo
152x76x52cm - 2001

Leda
cruz

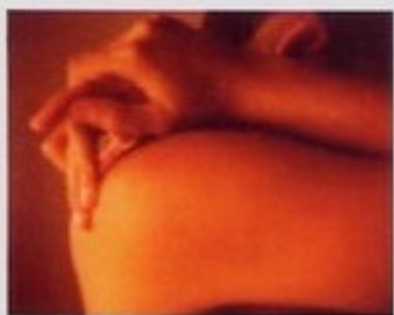


Uma obra assente no imaginário feminino, em que se inscreve a ideia de corpo, em que a mulher é pesquisada na sua condição humana e física do ponto mais frágil ao mais resistente, passando por toda a sua sensualidade e sexualidade. Um corpo complexo traçado por dor e brutalidade, paixão ou amor.

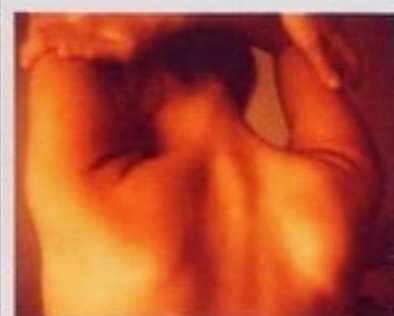
Desde há séculos que se mantém, quase como "tradição", uma diferença entre a condição humana feminina e a masculina. Pensando numa sociedade multicultural contemporânea, desde as tribos africanas aos aborígenes da Austrália, passando pelas culturas chinesa e muçulmana, avançando pela Europa e indo até à América, todas as civilizações se desenvolveram num contexto em que o estatuto social da mulher é inferiorizado por jogos de poder masculinos institucionalizados.

Esta afirmação parece remeter-nos para "coisas do passado", mas o facto é que, ainda hoje, somos diariamente bombardeados pelos media com relatos de mulheres maltratadas, discriminadas e vítimas de diversos abusos. Rituais ancestrais que povos ainda mantêm, originando taxas de suicídios e homicídios elevadíssimas. Mulheres fragilizadas por um sistema em que a forte resistência psicológica e física cede, por fim, ao comodismo de situações intoleráveis, restando a esperança de uma vida melhor numa outra dimensão.

Atentos a estas adversidades humanas encontram-se alguns artistas plásticos que, com um olhar de historiadores, sociólogos e antropólogos, se expressam sob a forma das Artes Plásticas. É neste contexto que se insere o trabalho da artista plástica Leda Cruz, um olhar crítico e atento, uma perspectiva sociológica ou antropológica sobre uma realidade paradoxalmente dura e fria mas cheia de sensações fortes, quentes e sensuais. Leda nasceu na Bahia (Brasil), local cheio de presenças africanas. É aqui que começa por estudar Psicologia, acabando por terminar uma licenciatura em História. Mais tarde, acaba por ir viver para Luanda (Angola) onde encontra toda a cor, ritmo e clima sentidos na Bahia.



o lugar do corpo é da emoção



feminino conceptual

Completamente influenciada por estes países que a Mãe Terra lhe inculuiu, Leda começa por estabelecer um contacto muito próximo com as tribos africanas e em especial com a mulher africana, que mais tarde passam a ser objecto de estudo para a sua obra artística. Chega a Portugal por volta dos anos 80, onde passa a ter um contacto mais directo com as Artes Plásticas, frequentando o curso de escultura na escola AR.CO e realizando aí os seus primeiros trabalhos, já na década de 90. É então que Leda se interessa por todo o trabalho do antropólogo Levi Strauss, sendo a figura feminina das Tribos, os adereços e as máscaras os focos de maior interesse como materialização de conceitos sociais que invocam questões de identidade, memória, mitos e rituais.

Aliciada pelo jogo das máscaras que ora escondem ou revelam o rosto, dos adereços e das pinturas faciais, Leda desenvolve um trabalho metafórico, como podemos ver em *Sedução II*, obra em que a máscara, ao mesmo tempo que é considerada um adorno, jogando com a sensualidade da mulher, também pode ser sentida como algo que a aprisiona.

A obra de Leda Cruz, expressa em conteúdos fortes e ironias com resoluções formais paradoxalmente subtis de um conceptualismo e estética perturbantes, coloca o observador em permanente introspecção e redefinição de valores culturais. Temáticas inquietantes, densas, ricas de conteúdos e frases difíceis constituem a maior parte das suas composições formais, em que o prazer e a dor, a satisfação de viver e a ameaça de morte são extremos opostos que se tocam

por susana anágua



don't touch me

vidro, tule bordado, arame farpado
2001

num único ponto. Como no caso de desenhos feitos em fino papel de seda, em que o encanto e a leveza do material harmonizam a composição visual adocicando-nos, ao mesmo tempo que frases inscritas nos remetem para uma temática cruel de histórias de mulheres com percursos difíceis. Outros são como mapas através dos quais se evidencia uma linguagem decifrável pelo mundo feminino. Mas não é só ao nível temático que a obra de Leda nos perturba. Ao nível formal ela é rica em fortes contrastes e metáforas. O espanto é o desafio lançado ao observador por propostas estéticas em que a diversidade dos materiais apoia a temática, chocando-nos por opostos. A união de materiais é feita para que, no domínio do simbólico, estes nos provoquem sensações de dor e prazer simultâneos, fazendo parte de um jogo criado para o observador, ao mesmo tempo que o confunde.

Arames farpados, tecidos requintados e leves, malhas de alumínio, veludos, vidros ou folhas de seda são cuidadosamente conjugados numa composição formal perturbadora como na obra *Don't Touch Me* ou *Alfinetes*, constituindo um veículo para toda a dimensão conceptualista das obras. *Do You Love Me I* e *Do You Love Me II* são obras constituídas por dois vestidos feitos de malha de arame; cada um contém no seu interior um coração de veludo ou um favo de mel em espaços cuidadosamente definidos para que a analogia com o nosso corpo, e invólucro deste, seja feita. O material escolhido foi o arame, resistente e forte mas maleável tal como o corpo humano. O coração, por sua vez, estabelece o contraste em que o interior que habita o invólucro é caracterizado por uma volúpia sensual inerente ao veludo vermelho. No outro, a sexualidade da Mulher é trazida às nossas mentes por um favo de mel.

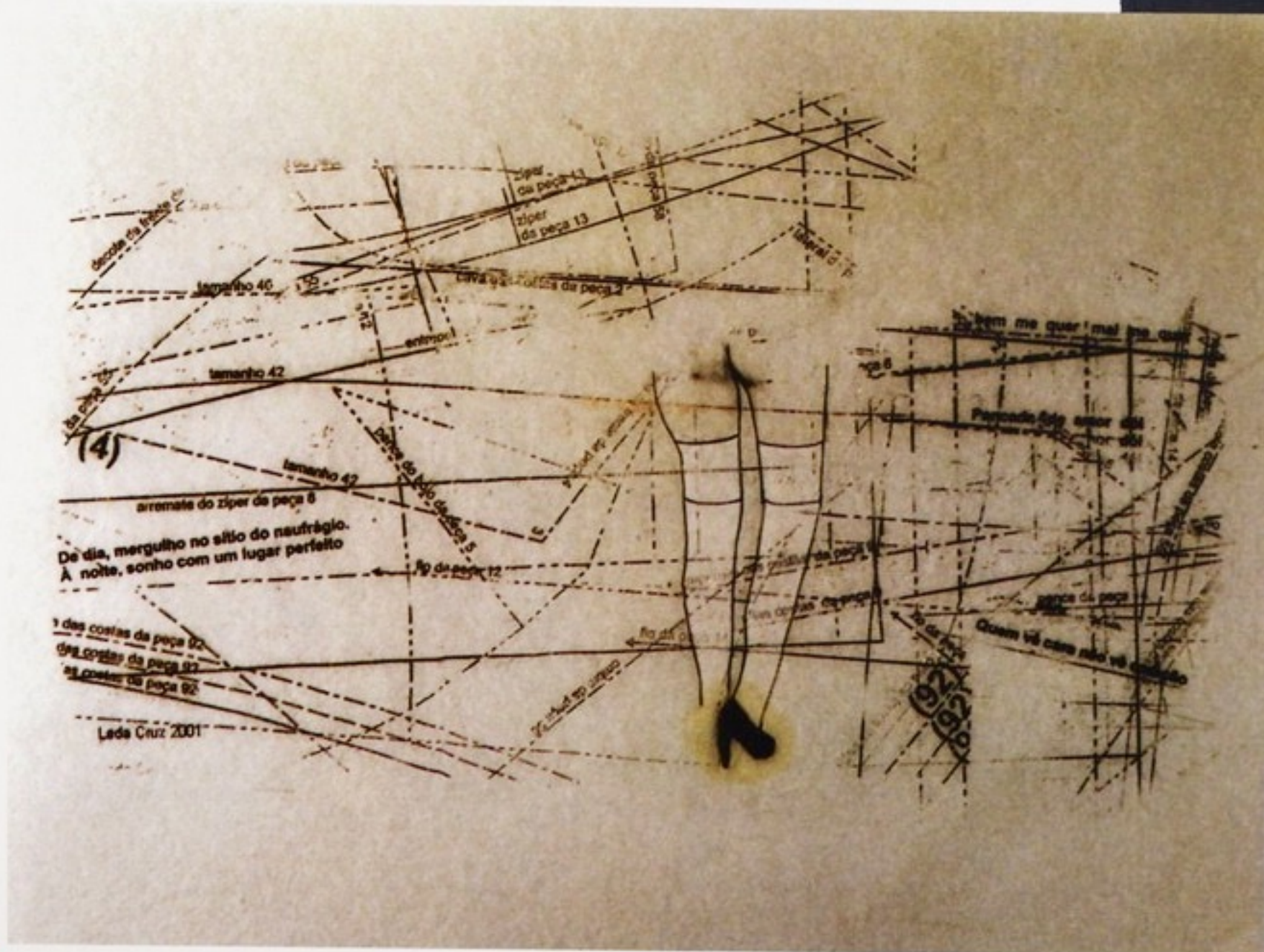
Leda
cruz

feminino conceptual

s/ título

impressão manual s/ papel de seda, óleo
34 x 50 cm - 2001

texto de Laurie Anderson



Em outras obras, caixas de vidro que fecham claustrofobicamente histórias, atitudes e actos delatores da condição social feminina, frases, títulos e objectos carregados de conotações fazem-nos olhar de uma maneira diferente para a temática abordada. Estas caixas são uma série subordinada aos «quatro andamentos possíveis das mulheres que esperam, mulheres que morrem, mulheres que escapam e mulheres que resistem».

Ainda no que diz respeito à importância dos materiais, estes, carregados de nostalgia e simbolismo, são usados como suporte para os seus conteúdos fazendo com que a artista tenha de apropriar-se das diversas técnicas dentro das artes plásticas: a pintura, o desenho, a instalação, a escultura, o vídeo e a fotografia fazem parte da sua obra. O importante é saber trabalhar a técnica adequada ao conceito que está a desenvolver.

Leda Cruz é, claramente, uma artista conceptual. A sua obra, em narrativa aberta, deixa-nos com presentes especulações e interrogações. Uma arte que não é só para ser consumida, mas que também ela nos consome, envolvendo-nos numa "engrenagem" que se apodera de nós. Também a própria artista sofre esta "engrenagem" em que, como ela própria afirma, «o difícil é começar... depois, trabalho puxa trabalho e não paramos mais, começando a fazer parte do nosso dia a dia».